

ROBÔS ASSASSINOS

Um Guia de Campanha para as Igrejas

Jennifer Philpot-Niseb



World Council
of Churches

ROBÔS ASSASSINOS

Um Guia de Campanha para as Igrejas

Jennifer Philpot-Nissen



**World Council
of Churches**

Robôs Assassinos
Um Guia de Campanha para as Igrejas
Jennifer Philpot-Nissen

Copyright © 2021 WCC Publications. Todos os direitos reservados. Esta publicação pode ser reproduzida em inglês com o reconhecimento total da fonte. Nenhuma parte da publicação pode ser traduzida sem permissão prévia por escrito de sua editora. Para autorização, contatar publications@wcc-coe.org

O WCC Publications é o programa de publicação de livros do Conselho Mundial de Igrejas. O CMI é uma irmandade mundial de 349 igrejas-membro que representa mais de meio bilhão de Cristãos e Cristãs em todo o mundo. O CMI conclama suas igrejas-membro a buscar a unidade, um testemunho público comum e o servir ao próximo em um mundo onde a esperança e a solidariedade são as sementes da justiça e da paz. O CMI trabalha com pessoas de todas as religiões buscando a reconciliação com o objetivo de alcançar a justiça, a paz e um mundo mais justo.

As opiniões expressas em publicações da WCC Publications são de responsabilidade de seus autores.

As citações das escrituras são da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI® Copyright © 1993, 2000 Biblica, Inc.® Citações utilizadas com permissão.

Esta publicação foi possível graças ao financiamento da Campanha para Deter os Robôs Assassinos (*Campaign to Stop Killer Robots*)

Produção: Lyn van Rooyen, coordenadora, WCC Publications
Crédito da Foto: Campanha para Deter os Robôs Assassinos
Desenho da capa: Aaron Maurer Design
Design e tipografia: Aaron Maurer Design
ISBN: 978-2-8254-1787-4

Conselho Mundial de Igrejas
150 route de Ferney, Caixa Postal Box 2100
1211 Genebra 2, Suíça
www.oikoumene.org

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Prefácio | 4 |
| Propósito deste Guia | 5 |
| 1. Introdução – O que são Robôs Assassinos? | 6 |
| 2. O Imperativo Bíblico – Por que as Igrejas devem se preocupar? | 10 |
| 3. Iniciativas Globais – Que iniciativas há hoje para enfrentar esta ameaça? | 16 |
| 4. Ação – O que as igrejas podem fazer? | 19 |

PREFÁCIO

Na noite de 14 de novembro de 1940, foi estabelecido um novo patamar para a destruição, mesmo pelos padrões da Segunda Guerra Mundial até aquele momento. A severa política de bombardeio de grandes áreas da Luftwaffe, agravada por inovações como o uso de aeronaves localizadoras e explosivos incendiários, deixou a cidade de Coventry em chamas. Os britânicos mais tarde experimentariam ataques semelhantes em cidades alemãs, com efeitos devastadores cuja memória ainda marca a consciência coletiva de meu país. As inovações na área da guerra – mecânica, química, nuclear – não têm corrido bem. Elas nos empurram para um ciclo vicioso de corrida armamentista, desconfiança e retaliação, criando formas cada vez mais eficazes de matar a vida e destruir a Terra.

Os sistemas de armas autônomas letais apresentam os mesmos riscos. É por isso que devemos tomar medidas urgentes, neste momento em que acaba de ser dada a largada para esta corrida armamentista. E é ainda mais importante fazê-lo aqui porque estas armas são uma ameaça tão única. Elas são uma tentativa fútil e sinistra de ‘sanear’ a guerra, removendo o envolvimento e a responsabilidade humanas que se sobrepõe – problematicamente e, às vezes, vergonhosamente – a decisões de vida ou morte. Elas violam os princípios fundamentais do direito internacional. Elas simplesmente facilitam a matança.

Oro pelo dia em que os seres humanos de fato relaxem os grilhões que impõem sobre a dignidade e a santidade da vida, confiando não em um algoritmo, mas em Deus, a fonte de toda a vida. Nesse espírito, recomendo que estude com zelo este útil guia, e desejo que desperte sua motivação para transformar estas novas espadas em arados e opor-se a este mal com verdadeira convicção Cristã – esta, sim, uma decisão de vida ou morte que continua verdadeiramente em nossas mãos.

Reverendíssimo Dr. Christopher Cocksworth
Bispo de Coventry

PROPÓSITO DESTE GUIA

Este guia foi elaborado para conscientizar as igrejas sobre a crescente ameaça representada por alguns Estados-Nação que estão tentando usar a inteligência artificial para desenvolver armas capazes de operar de forma autônoma e sem controle humano significativo. Caso o desenvolvimento de tal tecnologia não seja interrompido imediatamente, corremos o risco de introduzir no mundo uma situação em que a decisão de tirar uma vida seja delegada a um conjunto de algoritmos.

O guia introduz o conceito de robôs assassinos e os riscos envolvidos, e explica por que Cristãos e Cristãs devem opor-se ao uso de tais armas. Ele delinea as atividades de defesa de direitos já em andamento e sugere ações que as igrejas podem tomar.

“(…) dizendo-lhes [aos juízes]: “Considerem atentamente aquilo que fazem, pois vocês não estão julgando para o homem, mas para o Senhor, que estará com vocês sempre que derem um veredicto.” (2 Cron. 19:6)

Muitas contribuições valiosas enriqueceram esta publicação. Gostaria de reconhecer com apreço as contribuições de:

Dra. Emily Welty, Diretora de Estudos de Paz e Justiça da Dyson College of Arts and Sciences na Pace University (Nova York) e Vice-Moderadora da Comissão de Assuntos Internacionais do Conselho Mundial de Igrejas;
Jonathan Frerichs, consultor em questões de desarmamento;
Michael Vorster, Igreja Metodista da África Austral;
Dr. Vasile-Octavian Mihoc, CMI
Joe Carter, editor da The Gospel Coalition

1. INTRODUÇÃO

O que são Robôs Assassinos?

Os robôs assassinos também são conhecidos como sistemas de armas autônomas letais (LAWS na sigla em inglês)¹. Tratam-se de armas que, sem controle humano significativo, selecionariam e atacariam alvos. Estes robôs tomaram decisões de vida e morte sem as características humanas essenciais de sabedoria, julgamento, responsabilidade, empatia, consciência moral e compaixão que são necessárias para fazer uma escolha tão complexa.

Eles já existem? Drones armados existem e estão em uso, mas estes ainda têm um operador humano controlando o sistema de armas – geralmente à distância – que é responsável por selecionar e identificar alvos, assim como por puxar o gatilho.

Os robôs assassinos estão sendo desenvolvidos no momento?

Existem sistemas – que estão em desenvolvimento – que poderiam ser adaptados para remover o controle humano significativo da seleção e do ataque de alvos. Exemplos incluem:

- a) um robô estacionário em operação ao longo da fronteira entre a Coreia do Norte e do Sul que está armado com uma metralhadora e um lança-granadas. Este robô pode detectar seres humanos usando sensores infravermelhos e software de reconhecimento de padrões, com a possibilidade de disparar contra eles;² e

1 É cada vez mais comum ver a palavra “Letal” omitida desta descrição. As pessoas que se opõem ao uso da tecnologia enfatizam que a natureza autônoma destas armas deve ser foco de preocupação, não o resultado de sua implantação (nos casos em que os danos causados podem não levar à morte)

2 Site da campanha ‘Stop Killer Robots,’ <https://www.stopkillerrobots.org>. O SGR-A1, desenvolvido em conjunto pela Samsung Techwin (hoje Hanwha Land Systems) e a Universidade da Coreia.

- b) Um navio de guerra de navegação autônoma de 40 m de comprimento e 135 toneladas, em desenvolvimento nos Estados Unidos da América, projetado para caçar submarinos inimigos e com a capacidade de operar sem contato com um operador humano por dois a três meses de cada vez. Atualmente está desarmado, mas representantes dos EUA disseram que o objetivo é armar os navios de guerra dentro de poucos anos.³

Outros exemplos podem ser extraídos de tecnologias desenvolvidas na França, Reino Unido, Israel, Rússia e China que não precisariam de muita adaptação para se tornarem totalmente autônomas.

Os robôs assassinos seriam legais nos termos do direito internacional? Porque operariam sem controle humano significativo, os robôs assassinos enfrentariam dificuldades para cumprir duas regras fundamentais do direito humanitário internacional: a) distinção e b) proporcionalidade.

- a) Os dois lados de um conflito devem ser capazes de distinguir entre civis e soldados, e entre objetos civis (como casas ou escolas) e alvos militares. Os robôs assassinos teriam dificuldade de fazê-lo.
- b) As leis que regem as guerras também exigem que as partes beligerantes pesem a proporcionalidade de um ataque. Os danos esperados a pessoas e objetos civis serão excessivos em relação à vantagem militar esperada? Um “comandante militar razoável” teria decidido que era lícito lançar o ataque? Em casos como estes e muitos outros, os robôs assassinos não poderiam substituir o julgamento humano.

Armas totalmente autônomas também violariam três elementos fundamen-

3 Ibid. O Sea Hunter, concebido pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada da Defesa (DARPA) do Departamento de Defesa dos EUA.

tais da lei de direitos humanos: o direito à vida, o princípio da dignidade humana e a exigência de prestação de contas. A legislação de direitos humanos – que se baseia em princípios de ética Cristã⁴ – aplica-se tanto em tempos de paz como em conflitos armados. É importante notar isto porque é provável que armas totalmente autônomas sejam usadas além dos campos de batalha, nomeadamente por forças policiais.

Matar só é legal sob as leis internacionais de direitos humanos quando necessário para proteger a vida humana, quando constitui um último recurso e quando é aplicado de forma proporcional à ameaça. Robôs assassinos não teriam as qualidades humanas, notadamente empatia e julgamento, necessárias para fazer estas determinações. Delegar decisões de vida ou morte a máquinas que não podem apreciar o valor da vida humana prejudicaria a dignidade humana.

Tomar uma vida humana requer uma justificação clara e, se isto não estiver presente, deve haver responsabilização individual; no entanto, não está claro quem poderia ser responsabilizado se uma arma totalmente autônoma realize um ataque. Seria o fabricante, caso a unidade tenha apresentado um defeito? Caso um ataque leve a uma morte ilegal, seria a responsabilidade do comandante militar? Da pessoa que a opera? De quem a programou? Responsabilização também inclui restituição para a vítima ou sua família, que pode incluir a punição da parte infratora. Uma arma – incapaz de experimentar ou avaliar a culpa, arrependimento ou remorso, ou de sofrer ou compreender as consequências de sua ação – também não pode ser punida.

Quem seriam os alvos dos robôs assassinos? O argumento atual usado para justificar o uso de drones armados é que eles podem limitar baixas, tanto da força destacada quanto de civis, porque serão mais precisos. No entanto, a experiência tem mostrado que este não é, de forma alguma, o que ocorre na prática; há centenas de vítimas civis de ataques com drones. Caso armas sem controle humano significativo sejam implantadas no

4 Joe Carter, “9 Things You Should Know About International Human Rights,” site da The Gospel Coalition, 25 de março de 2021, <https://www.thegospelcoalition.org/article/international-human-rights/>.

campo de batalha ou em situações de atuação das forças policiais, programadas para alvejar e engajar pessoas com base em software e sensores, há um alto risco de identidade equivocada ou de engajamento ilegal. Além disso, há a ameaça de ataques cibernéticos ao software desses robôs e das consequências resultantes deles.

Além dessas preocupações, há também o risco de que haja vieses na programação destes softwares e sensores. Preconceitos de gênero, raça, orientação sexual e de outras naturezas podem ser programados em máquinas, incluindo armas autônomas, por acidente ou por concepção. Nos casos em que tecnologias foram desenvolvidas nos EUA, softwares de reconhecimento facial tem dificuldades de reconhecer pessoas não brancas, e tecnologias de reconhecimento de voz muitas vezes não conseguem responder às vozes de mulheres ou com sotaques não norte-americanos. Há exemplos de preconceitos raciais incorporados a algoritmos que realizam projeções de possível atividade criminal futura, que são então utilizadas para determinar a sentença.⁵

Imagine este tipo de viés em um sistema de armas projetado para selecionar alvos e reagir sem nenhum controle humano significativo, ou seja, sem nenhum julgamento humano para contrabalançar esses vieses.

5 Julia Angwin et al., “*Machine Bias*,” ProPublica, 23 de maio de 2016, <https://www.propublica.org/article/machine-bias-risk-assessments-in-criminal-sentencing>.

2. O IMPERATIVO BÍBLICO

Por que as igrejas devem se preocupar?

A Inteligência Artificial e a Pessoa Cristã

Temos visto um crescimento sem precedentes no uso de inteligência artificial nos últimos anos, afetando todas as áreas de nossas vidas. Há uma série de definições de inteligência artificial (IA), a maioria referindo-se ao uso da informática e algoritmos para criar inteligência em máquinas.

A IA conseguiu reduzir a necessidade de humanos para realizar tarefas repetitivas e intensivamente laboriosas, e a eficiência destas tarefas aumentou. Ao contrário dos seres humanos, as máquinas não se cansam ou precisam fazer intervalos, não se distraem, e – para tarefas claramente definidas com variáveis claramente definidas – normalmente produzirão resultados consistentes.

Apesar de tudo isso, a velocidade deste crescimento e o escopo de seu alcance suscitam preocupações sobre as possíveis consequências para o futuro de nosso mundo. Como afirma o autor James Barrat, para os Cristãos e Cristãs, este cenário enseja questões sobre a compatibilidade entre a busca da IA e nossa crença e dependência de Deus. Ele adverte que “nossa reflexão sobre as consequências da IA está muito atrás de nossas capacidades tecnológicas, e por isso estamos pisando muito no desconhecido.”¹

1 James Barrat, *Our Final Invention: Artificial Intelligence and the End of the Human Era*. (“Nossa Última Invenção: a Inteligência Artificial e o Fim da Era Humana”) (Nova York: Thomas Dunne Books, 2013), 16

No cerne do sistema de crenças Judaico-Cristão está a relação de aliança com Deus, a humanidade e toda a criação de Deus.

Então disse Deus a Noé e a seus filhos, que estavam com ele:

⁸ Vou estabelecer a minha aliança com vocês e com os seus futuros descendentes e com todo ser vivo que está com vocês: ⁹ ‘as aves, os rebanhos domésticos ¹⁰ e os animais selvagens, todos os que saíram da arca com vocês, todos os seres vivos da terra.’ (Gen. 9:8-10)

Esta relação de aliança com Deus e o povo de Deus na Bíblia hebraica é levada adiante no Novo Testamento, que interpretou a aliança de Deus com Israel através dos ensinamentos de Cristo.

Jesus resume a relação de aliança dizendo que devemos amar a Deus com todo nosso coração, mente e alma, e amar os outros como a nós mesmos. Se o amor está no centro de nossa fé, o amor deve estar no centro de todas as decisões para nós que colocamos nossa fé em Deus. Como, então, poderíamos sequer considerar delegar o precioso dom que nos foi dado – tomar decisões sobre nossas vidas e sobre a vida dos outros – a uma máquina? Por mais inteligente que a tecnologia se torne no futuro, ela nunca poderia receber, aceitar ou agir de acordo com o dom único do amor dado por Deus.

Quando tomamos as decisões erradas, podemos recorrer a Deus para obter o perdão.

“¹ Como é feliz aquele que tem suas transgressões perdoadas e seus pecados apagados! ² Como é feliz aquele a quem o Senhor não atribui culpa e em quem não há hipocrisia!” (Salmo 32:1-2)

Conforme a IA se desenvolve, ela observará e aprenderá o comportamento humano, e fará cálculos sobre o que acredita serem atos criminosos ou indesejáveis. No futuro, ela *poderia* tornar-se uma ferramenta para auxiliar em decisões legais preventivas ou de resposta; entretanto, sem amor em

seu cerne, até que ponto suas decisões sobre culpa, inocência, punição ou clemência poderiam se contrabalancear com os componentes necessários de perdão, empatia e compreensão com relação à pessoa que perpetra o ato e suas circunstâncias?²

A guerra Cristã e justa

Os antigos profetas que clamaram pela justiça e pela paz encorajaram a humanidade a avançar em direção uma solução melhor para as diferenças e disputas territoriais. Isaías assim nos instruiu:

³ Virão muitos povos e dirão: “Venham, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacó, para que ele nos ensine os seus caminhos, e assim andemos em suas veredas.” Pois a lei sairá de Sião, de Jerusalém virá a palavra do Senhor.

⁴ Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças, foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra.” (Is. 2:3-4)

Historiadores da religião denotam o pacifismo das primeiras pessoas crentes e sua crença de que o serviço militar era uma forma de idolatria. Qualquer ato que tomasse a vida de alguém era altamente regulamentado. Tertuliano³ escreveu: “A bandeira divina e a bandeira humana não andam juntas, nem andam juntos o brasão de Cristo ou o do diabo.” Somente sem a espada poderá o Cristão travar guerra: pois o Senhor aboliu a espada.”

2 J. Nathan Matias, “How AI is Shaping Ideas of Sin, Justice, Freedom, and Forgiveness”, *Medium* (AI e Cristianismo), 20 de novembro de 2017, <https://medium.com/ai-and-christianity/how-ai-is-shaping-ideas-of-sin-justice-freedom-and-forgiveness-5204457926c5>.

3 Robert Audi, editor, *The Cambridge Dictionary of Philosophy*, 2ª ed., (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), 908. Tertuliano (aprox. 155-220 D.C.) foi um prolífico autor primitivo Cristão oriundo de Cartago, na província romana da África (hoje Tunísia).

Isto mudou rapidamente no tempo de Constantino. O Conselho de Arles⁴ em 314 CE disse que proibir “o Estado o direito de ir à guerra era condená-lo à extinção”, e logo depois, filósofos cristãos começaram a formular a doutrina que hoje é conhecida como guerra justa.⁵

Por séculos, muitas pessoas cristãs acreditavam que era correto usar a violência e a guerra para disseminar sua fé, através da conversão forçada ou pela execução das pessoas que se recusavam ou se opunham. A noção de uma guerra santa fazia parte de sua religião.

Nos tempos modernos, há divisões entre Cristãos e Cristãs no que concerne questões de guerra e o uso da força. Parte são pacifistas, defendendo soluções pacíficas para os conflitos e procurando limitar o desenvolvimento futuro de tecnologias de armamento. Este grupo se guia pelas palavras do profeta Isaías na tentativa de transformar espadas em arados (2:4).⁶ Em contraponto, há pessoas Cristãs que consideram que um exército forte é necessário para combater ameaças reais ou percebidas a sua segurança, e que a guerra às vezes é inevitável.

O Reverendíssimo e Honorável Stephen Cottrell, Arcebispo de York, falando por ocasião da entrada em vigor do Tratado sobre a Proibição de

4 Editores da Encyclopaedia Britannica, “Council of Arles,” *Encyclopedia Britannica*, 20 de julho de 1998, <https://www.britannica.com/event/Council-of-Arles>. O Conselho de Arles foi a primeira reunião representativa de bispos Cristãos no Império Romano ocidental. Foi convocada pelo Imperador Constantino I para ocorrer em Arles, no sul da Gália, em agosto de 314 D.C., principalmente para tratar do problema dos Donatistas, um grupo Cristão cismático no norte da África.

5 Joe Carter, “A Brief Introduction to the Just War Tradition: *Jus in bello*,” Comissão de Ética e Liberdade Religiosa da Southern Baptist Convention, website, 24 de agosto de 2017, <https://erlc.com/resource-library/articles/a-brief-introduction-to-the-just-war-tradition-jus-in-bello>.

6 *First Thursdays Newsletter* (“Boletim da Primeira Quinta-Feira”) de 8 de outubro de 2020 da Unidade de Assuntos Ecumênicos da Igreja Metodista da África Austral, <https://methodist.org.za/wp-content/uploads/2020/10/MCSA-ECUMENICAL-AFFAIRS-UNIT-FIRST-THURSDAY-NEWSLETTER-Fifteen-8-October-2020.pdf>. A Igreja Metodista da África Austral adotou uma resolução intitulada “Campanha Livre de Armas e Armamentos” que declara: “Nos valer de armas letais é um sinal de nosso fracasso em moldar uma sociedade livre de violência e medo”. A única resposta a longo prazo para este problema é a obediência aos ensinamentos de Deus sobre o cuidado com as relações humanas e o respeito pela vida”

Armas Nucleares,⁷ afirmou:

Do ponto de vista Cristão... as armas de guerra são uma área contestada. Muitas pessoas Cristãs são pacifistas, mas um número ainda maior adota a posição de que existem certas circunstâncias nas quais, como último recurso, pode ser apropriado usar a força e portar armas. pensar que une Cristãos e Cristãs é uma abordagem ética do uso da força que é geralmente descrita como a teoria da guerra justa, que basicamente diz que só devemos usar a força como último recurso de forma proporcional e quando há uma... alta expectativa de que se alcançará os fins que se deseja, o que obviamente é a causa da paz e da estabilidade. Portanto, as armas de destruição em massa, que nunca tem como ser proporcionais, nunca podem ser utilizadas.

Os argumentos bíblicos a favor da guerra justa não podem, em nenhuma circunstância, ser estendidos a nos permitir entregar a decisão sobre a vida e a morte a uma máquina. Os seres humanos foram criados por Deus com as capacidades necessárias para tomar decisões baseadas em considerações morais e éticas, e para ser responsáveis pelas consequências de suas ações quando os limites são ultrapassados. O mesmo nunca pode ser dito de armas operadas por inteligência artificial.

Possíveis ameaças a pessoas de determinadas confissões

A ameaça representada pelos robôs assassinos é uma ameaça a toda a humanidade. Seguindo o mandamento que Deus nos deu de amar o próximo como a nós mesmos (Gal. 5:14), devemos ser estimulados a agir para proteger todas as pessoas de tal ameaça global. Mas será que os robôs assassinos podem representar uma ameaça específica para uma pessoa que segue uma determinada fé ou credo?

⁷ *WCC Partners Welcome the Entry into Force of the Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* (“Parceiras do CMI comemoram a entrada em vigor do Tratado sobre a Proibição de Armas Nucleares”), Conselho Mundial de Igrejas, transmitido ao vivo em 27 de janeiro de 2021, vídeo no YouTube, <https://youtu.be/QUYzmF8DGcw>.

Muitas pessoas Muçulmanas, Cristãs, Judias, Hindus, Sikhs, Budistas e adeptas de outras religiões vivem em partes do mundo onde seria incomum que fossem atacadas e mortas por uma arma letal devido a sua identidade religiosa. Muitas outras já não tem a mesma sorte, e enfrentam extrema perseguição por causa de sua fé ou identidade religiosa.

A IA pode aprender com os padrões de comportamento humano, e não é difícil imaginar um cenário em que uma máquina, ou outra forma de tecnologia, poderia identificar uma pessoa como sendo de certa fé via padrões específicos de comportamento – por exemplo, comparecer regularmente a um local de culto, pertencer a um grupo de jovens, ou outros grupos de fiéis que se reúnem repetidamente no mesmo local. Eventos deste tipo podem até ser anunciados online.

Certos modos de se vestir podem levar a IA a concluir que uma pessoa é aderente a uma fé particular, seja por causa de seu traje cotidiano – trajes como as vestes laranja de um monge Budista, o colarinho de sacerdotes e sacerdotisas Cristãos e Cristãs, o *yarmulke* de um homem judeu, o *hijab* de uma mulher muçulmana e trajes especiais para dias particulares de adoração, como roupas brancas, “roupas de ver Deus”, o *tefillin* judeu, o traje espiritual Sikh etc. Datas particulares são importantes para diferentes crenças, e podem influenciar o comportamento e a localização de fiéis nesses momentos.

Caso uma arma equipada com este tipo tecnologia caia nas mãos de extremistas religiosos, qualquer grupo religioso em particular poderia se tornar um alvo específico.

3. INICIATIVAS GLOBAIS

Que iniciativas há hoje para enfrentar esta ameaça?

Em abril de 2013, em resposta à crescente preocupação com o desenvolvimento da inteligência artificial e sua potencial aplicação a armas letais, uma coalizão de organizações não-governamentais formou a *Campaign to Stop Killer Robots* (“Campanha para Deter os Robôs Assassinos”).

Em maio de 2013, o Professor Christof Heyns, à época Relator Especial da ONU sobre execuções extrajudiciais, sumárias ou arbitrárias, apresentou seu relatório anual ao Conselho de Direitos Humanos da organização. O relatório focava nas ameaças representadas pelo possível desenvolvimento de robótica autônoma letal (LARs na sigla em inglês), e pedia aos Estados Membro que decretassem moratórias nacionais de alguns de seus aspectos e que estabeleçam um painel de alto nível para articular políticas sobre o assunto junto à comunidade internacional. Em novembro daquele ano, 35 nações expressaram pela primeira vez suas opiniões sobre armas autônomas nas Reuniões das Altas Partes Contratantes da Convenção sobre Certas Armas Convencionais em Genebra. Em 2014, os Estados Partes¹ da Convenção concordaram em começar a trabalhar nesta tecnologia emergente, e reuniões para este fim continuam a ocorrer até hoje.²

O progresso em direção a um acordo de proibição internacional preventiva de armas que poderiam operar sem controle humano significativo foi retardado por certas nações, notadamente os EUA, Rússia, China, Reino Unido,

1 “Estados Partes” refere-se a países cujos governos ratificaram um tratado específico.

2 Este Guia foi publicado pela primeira vez em novembro de 2021.

França e Coréia do Sul. Estes Estados Membro hoje travem o que tem sido descrito como uma “guerra fria tecnológica” - uma corrida armamentista para desenvolver e deter as armas mais tecnologicamente avançadas do mundo.

Desde 2015, mais de 4500 pesquisadores de IA e robótica e 26.000 outras partes endossaram uma carta aberta clamando pela proibição preventiva de armas autônomas.³

Campanhas desta natureza conseguiram no passado exortar os Estados a adotar proibições internacionais de minas terrestres e armas de fragmentação, químicas e biológicas. Em 1995, foi adotado um protocolo⁴ que proíbe o uso de armas cegantes como meio ou método de guerra, bem como sua transferência para qualquer ator estatal ou não estatal. Foi um momento histórico porque proibia a produção e a proliferação de um tipo de arma cujo uso parecia iminente.

O envolvimento do Conselho Mundial de Igrejas

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) vem há décadas defendendo a paz e protestados os métodos mais destrutivos e indiscriminados de guerra, particularmente as armas nucleares. O CMI trabalha com igrejas ao redor do mundo para convencer os governos de seus países da imoralidade destas armas e da necessidade de proibi-las e eliminá-las totalmente.

Em novembro de 2019, o Comitê Executivo do CMI adotou uma minuta⁵ sobre sistemas de armas autônomas letais, afirmando a “grave preocupação do movimento ecumênico com as implicações éticas, morais e legais do desenvolvimento e distribuição” destas armas e conclamando “as igrejas membros do CMI, particularmente em países que estão desenvolvendo

3 “Autonomous Weapons: An Open Letter from AI & Robotics Researchers,” Future of Life Institute, 28 July 2015, <https://futureoflife.org/open-letter-autonomous-weapons>.

4 *Protocolo sobre Armas de Laser Cegantes (Protocolo IV)*, um protocolo da Convenção de 1980 sobre Certas Armas Convencionais

5 *Minute on Lethal Autonomous Weapons Systems – Killer Robots* (“Minuta sobre Sistemas de Armas Autônomas Letais”), 25 de novembro de 2019, Comitê Executivo do Conselho Mundial de Igrejas, <https://archived.oikoumene.org/en/resources/documents/executive-committee/bossey-november-2019/minute-on-lethal-autonomous-weapons-systems-killer-robots>.

tais sistemas de armas, a incidir junto a seus governos para que cessem seu desenvolvimento e apoiem a proibição internacional de sistemas de armas autônomas letais” O CMI aderiu à Campanha para Deter os Robôs Assassinos no mesmo período.⁶

Em janeiro de 2021, o CMI uniu-se a organizações representantes de outras religiões para emitir uma declaração inter-religiosa sobre o assunto.⁷ A declaração conjunta, intitulada *A Plea for Preserving our Shared Humanity* (“Um Pleito pela Preservação da Humanidade que Compartilhamos”), expressa a preocupação com o desenvolvimento insidioso de sistemas de armas que carecem de controle humano significativo, exorta que a pessoa humana nunca deve ser reduzida a um conjunto de números, e clama pela rejeição firme e urgente do desenvolvimento de armas totalmente autônomas.

Em todo o mundo, as igrejas estão se juntando ao chamado para aumentar a conscientização sobre os riscos apresentados pelos robôs assassinos, e estão exortando seus governos a tomar medidas para garantir que esta tecnologia não seja desenvolvida.

6 *WCC Expresses Grave Concerns over Lethal Autonomous Weapons Systems* (“CMI expressa graves preocupações com Sistemas Autônomos de Armas Letais”), 25 de novembro de 2019, <https://www.oikoumene.org/news/wcc-expresses-grave-concern-over-lethal-autonomous-weapons-systems>.

7 *WCC Releases Joint Statement Rejecting Fully Autonomous Weapons* (“WCC lança declaração conjunta rejeitando armas totalmente autônomas”), 5 de fevereiro de 2021, <https://www.oikoumene.org/news/wcc-releases-joint-statement-rejecting-fully-autonomous-weapons>.

4. AÇÃO

O que as Igrejas podem fazer?

Faça parte de Isaías 2:4: transforme espadas em arados

Imagine que os profetas da paz tivessem sido capazes de proibir toda a produção de armas antes que começasse. O momento é agora de assegurar que as gerações futuras não sejam ameaçadas por armas autônomas, que têm a capacidade de buscar ativamente, caçar e matar indivíduos e grupos específicos.

- Leia mais sobre as ameaças potenciais que os robôs assassinos representam e informe outras pessoas em sua congregação ou comunidade religiosa local.¹ Aprenda mais sobre as implicações financeiras e os custos do desenvolvimento de tal tecnologia - como esse dinheiro poderia ser melhor gasto? Vamos reimaginar a indústria de armas, e pensar como seus cientistas altamente qualificados poderiam redirecionar sua energia e seus intelectos para promover saúde de qualidade e acessível, construir casas inteligentes a preços acessíveis para todos, ou conceber fazendas urbanas sustentáveis.
- Realize estudos bíblicos para se aprofundar nas seguintes questões:
 - o “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gen. 1:27)
Quando a IA é desenvolvida para imitar as decisões humanas e realizar tarefas humanas, como será possível reconhecer e proteger a imagem de Deus em nós mesmos e nos outros? Arriscamo-nos a criar IA à imagem de Deus?

¹ O site <https://www.stopkillerrobots.org> fornece um pacote de recursos sobre o tema.

o Jesus disse a seus primeiros discípulos que: “Aquele que crê em mim... Fará coisas ainda maiores do que estas...” (João 14.12); e também, “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” (João 10:10b)

Como a tecnologia pode ser um instrumento positivo para melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas, e especialmente para as pessoas pobres ou doentes?

o “Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno.” (1 João 5:19)

Embora existam muitas maneiras pelas quais a IA melhorou nossas vidas, até que ponto devemos arriscar que ela se torne uma ferramenta “do maligno”?

- O público jovem tende a ser o mais consciente das novas tecnologias e mais confortável com elas à medida que são desenvolvidas. Crianças e jovens nas igrejas e comunidades eclesiais devem ser encorajadas a se tornarem influenciadoras para o bem na concepção da IA. Convide-as para discussões ou organize oficinas onde possam compartilhar seus conhecimentos tecnológicos com participantes de mais idade e envolva-as em discussões baseadas nas perguntas de estudo bíblico acima.
- Quando falam a uma só voz, as igrejas podem ser uma poderosa força para o bem e influenciar seus governos a agir. Escreva a representantes do seu governo e solicite que declarem enfaticamente sua oposição aos robôs assassinos e que exortem outros governos a fazer o mesmo. Se seu governo já solicitou uma proibição, considere escrever-lhes para agradecer-lhes.
- Se você tiver mais perguntas ou sugestões, favor contatar o endereço CCIA@wcc-coe.org

“O fruto da justiça semeia-se em paz para os pacificadores.” (Tiago 3:18)

“E a paz de Deus, que excede todo o entendimento,
guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus.”
(Fil. 4:7)

O Comitê Executivo do Conselho Mundial de Igrejas, reunido em Bossey (Suíça) em 20-26 de novembro de 2019, afirmou a grave preocupação do movimento ecumênico com as implicações éticas, morais e legais do desenvolvimento e implantação de sistemas de armas totalmente autônomos com a capacidade de identificar, selecionar e executar ataques a alvos individuais sem controle, tomada de decisão e responsabilização em tempo real por parte de tomadores de decisão humanos. O comitê declarou que estes sistemas de armas seriam fundamentalmente censurável e inconcebível, e exorta que haja a proibição preventiva do desenvolvimento e distribuição destas armas. O Comitê Executivo conclama as igrejas membros do CMI, particularmente nos países que estão desenvolvendo tais sistemas de armas, a incidir junto a seus governos para que interrompam seu desenvolvimento e apoiem uma proibição internacional dos sistemas de armas autônomas.



**World Council
of Churches**

Religião/Desarmamento



9 782825 417874